



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 24, v. 1  
jan.-dez. 2026  
p. 63-84

# Masculinidades e barbearias: uma revisão bibliográfica a partir de Collins e Bourdieu

*(Masculinities and barbershops: a literature review from the perspective of Collins and Bourdieu)*

*(Masculinidades y barberías: una revisión bibliográfica bajo la perspectiva de Collins y Bourdieu)*

Valdemar Sobral Junior<sup>1</sup>

Renata Rauta Petarly<sup>2</sup>

Sariza Oliveira Caetano Venâncio<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente texto tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica dos estudos sobre a masculinidade dentro das barbearias. Busca-se identificar nos artigos como as principais discussões sobre o tema tem sido apresentadas e quais são as definições, conceitos e referenciais teóricos que constituem os trabalhos analisados. Além disso, pretende-se investigar os materiais a partir das perspectivas teóricas da interseccionalidade (Collins, 2022) e da dominação masculina (Bourdieu, 2012), considerando que as proposições sobre a diversidade e as hierarquias de gênero são fundamentais para compreender a construção de identidades e performances masculinas nas barbearias.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidade; barbearias; dominação masculina; interseccionalidade.

**Abstract:** The present text aims to conduct a bibliography review of studies on masculinity within barbershops. It seeks to identify, in the selected articles, how the main debates on the topic have been presented, as well as the current definitions, concepts, and theoretical frameworks that support each study. Furthermore, it intends to examine these materials through the theoretical perspectives of intersectionality (Collins, 2022) and male domination (Bourdieu, 2012), considering that the propositions regarding diversity and gender hierarchies are essential to understand the construction of masculine identities and performances in barbershops.

**Keywords:** masculinities; barbershops; male domination; intersectionality.

**Resumen:** El presente texto tiene como objetivo realizar una revisión bibliográfica de los estudios sobre la masculinidad en las barberías. Se busca identificar, en los artículos seleccionados, cómo se han presentado las principales discusiones sobre el tema, así como las definiciones, conceptos y marcos teóricos que sustentan cada los trabajos analizados. Además, se pretende examinar estos trabajos desde las perspectivas teóricas de la interseccionalidad (Collins, 2022) y de la dominación masculina (Bourdieu, 2012), considerando que las discusiones sobre diversidad y jerarquías de género son fundamentales para comprender la construcción de identidades y expresiones masculinas en las barberías.

**Palabras clave:** masculinidades; barberías; dominación masculina; interseccionalidad.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), licenciado em História. E-mail: valdemar.junior@ufnt.edu.br

2 Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), professora do colegiado de Tecnologia em Gestão de Cooperativas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: renata.petarly@ufnt.edu.br.

3 Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), professora do colegiado de História e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT), Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: sariza.venancio@ufnt.edu.br.



Cabra do cabelo grande, cinturinha de pilão  
 Calça justa bem cintada, costeleta bem fechada, salto alto, fivelão  
 Cabra que usa pulseira... no pescoço, medalhão  
 Cabra com esse jeitinho, no sertão de meu padrinho,  
 cabra assim não tem vez não, não  
*Não tem vez não, não... Não tem vez não!*  
 (Luiz Gonzaga – Xote Dos Cabeludos)

## 1 Introdução

No Brasil, desde 2010, o mercado de beleza tem apresentado um exponencial crescimento quanto ao consumo de cosméticos e serviços de embelezamento destinados ao público masculino. Essas inovações e a procura por itens e espaços que atendam às demandas estéticas das expressões modernas de masculinidade concentram-se, principalmente, em torno das barbearias e sua correspondente transformação.

A sofisticação dos salões de beleza masculino, também conhecidos como *barbershops*, constata o que já havia sido exposto em alguns dos relatórios e pesquisas da Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC). A ABIHPEC (2016, 2017, 2020) apresentou dados que revelaram um desenvolvimento contínuo desses estabelecimentos no país, afirmando, nos relatórios de 2016 a 2020, que houve um aumento não só na procura por procedimentos estéticos diversificados por parte dos homens, mas também um consumo acentuado de produtos de beleza.

O surgimento desses novos hábitos de vaidade, a preocupação com a aparência, o autocuidado e seus derivados, configuram, para além de um efeito econômico e mercadológico, a construção de novas formas de ser masculino. Em seu artigo para a revista *The journal of applied business research*, a professora Nacima Ourahmoune (2016) discorreu sobre como os padrões de consumo atuais fomentam a construção de distintas masculinidades baseadas no próprio consumo, seja de serviços ou produtos.

Ao considerar as barbearias como um dos espaços em que padrões estéticos e de conduta são estabelecidos e gerenciados, realizei uma pesquisa de mestrado que tem como objetivo compreender quais são as performances de masculinidades nas barbearias da cidade de Araguaína, Tocantins. Sustentado pela etnografia e por autores que discutem gênero e masculinidades, buscamos entender como os diversos tipos de interação ocorridos dentro das barbearias revelam processos coconstrutivos de performances masculinas. A teoria de Erving Goffman desenvolvida no livro *As representações do eu na vida cotidiana* (2009) nos ajuda a entender como as representações são produzidas através da interação entre os sujeitos num contexto ou lugar específico.

Partimos do pressuposto de que essa mudança estética e comportamental no modo de ser



homem e as construções performáticas e identitárias de masculinidade são mediadas também pelas barbearias. Considerando a pluralidade de sujeitos que normalmente permeiam esses espaços e os fatores socioeconômicos, raciais e de gênero que atravessam a população nacional, torna-se necessário um estudo que seja capaz de investigar essas masculinidades através de abordagens mais contemplativas.

Privilegiamos, dessa forma, um estudo a partir da perspectiva interseccional e que pondere de igual modo sobre as hierarquias de gênero existentes nesses espaços, assim como as estruturações genericamente dicotômicas inerentes a esse meio. As contribuições de Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2012) e de Patrícia Hill Collins no livro *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica* (2022) enfatizaram a necessidade de lançar um olhar mais acurado sobre as relações de gênero, de trabalho, de raça e do teor capitalista e patriarcal amalgamado nas estruturas socioculturais.

Sob a orientação dessa bibliografia e outros escritos adjacentes, consideramos neste trabalho, que pretende ser um recorte breve do texto dissertativo principal, averiguar a presença de temas indispensáveis às análises e pesquisas em torno do gênero e das dinâmicas sociais que o abrangem.

Por essa razão, este texto tem como objetivo principal realizar uma revisão bibliográfica dos artigos que discutem a masculinidade nas barbearias do país. E, de forma adjacente, verificar a presença ou não de autores e autoras que instigam um debate interseccional ou discutem as hierarquias de gênero ou dominação no recorte estudado, sinalizando as questões referentes à condição socioeconômica e/ou à função da mulher e da feminilidade dentro dos textos disponíveis.

Utilizando o aparato metodológico proposto por Laurence Bardin em sua obra *Análise de conteúdo* (2016), realizou-se uma investigação que auxiliou na identificação dos temas e categorias identificados pela presente revisão. O artigo organiza-se em cinco seções: (1) introdução; (2) procedimentos metodológicos e resultados; (3) revisão bibliográfica e discussão; (4) conclusão.

## 2 Procedimentos metodológicos e resultados

A seleção dos textos para revisão aconteceu em dois períodos distintos. No primeiro momento, tendo como motivação as leituras exploratórias que auxiliaram na construção do projeto de pesquisa para a seleção do mestrado, procurou-se por artigos e dissertações que compreendessem o recorte temático das masculinidades em barbearias. Essas pesquisas ocorreram entre novembro de 2023 e janeiro de 2024.

Posteriormente, para uma melhor averiguação da bibliografia já produzida sobre o assunto



e intencionando, de fato, a elaboração desse trabalho, foram realizadas novas buscas nas bases de dados eletrônicos. O objetivo foi a aquisição de documentos que contemplassem o tema proposto. Essas buscas foram realizadas entre os dias 9 e 11 de julho de 2025, e novamente em 19 e 20 do mesmo mês.

A busca virtual aconteceu a partir da relação dos seguintes marcadores nos campos de pesquisa, “masculinidade(s) e barbearia(s)”, e resultou na aparição de 487 textos só no Google Acadêmico. Durante a pesquisa não foi estabelecida uma data limite de publicação dos textos, e do mesmo modo não foi definida uma área específica do conhecimento, já que o intuito era aglutinar esses trabalhos e, portanto, ter uma quantidade considerável de materiais disponíveis para estudo.

Privilegiou-se também os textos nacionais escritos originalmente em português, pois consideramos que, mesmo compreendo contextos particulares de cada campo investigado, os artigos poderiam se associar na medida em que partem de pressupostos similares e buscam refletir sobre as circunstâncias sociais, econômicas e/ou culturais que permeiam a população brasileira, em específico, os homens.

Para filtrar ainda mais esse material, optamos por considerar nesta revisão somente os textos publicados em formato de artigo. Há duas razões correspondentes para essa escolha. Elas se referem ao tempo disponível para construção do presente trabalho e a objetividade dessa forma de publicação.

As dissertações, em geral, possuem uma estrutura textual mais densa e deliberadamente teórica, onde se verifica uma ampla revisão de literatura concentrada nos objetivos da pesquisa. Por esse motivo, demandam um tempo adequado tanto para leitura quanto para elaboração dos materiais adquiridos. Uma vez que, em certa medida, as próprias dissertações já realizam parcialmente essa função compilativa.

A escolha pelos artigos científicos considera a relevância que esses textos podem ter dentro das comunidades acadêmicas e no público externo. Isso se levamos em conta que a divulgação do conhecimento científico através de revistas e periódicos *on-line* facilita o processo de informação e alcance dessas produções por diversos públicos e campos de estudo. Ao falar sobre a função social dos artigos acadêmicos, a professora Marta Henrique (2012) supõe que: [...] a linguagem e a extensão do artigo podem atrair leitores de áreas diferentes das que o artigo abrange. Com uma estrutura determinada, o artigo mantém as características da sistematicidade científica; já um formato mais objetivo torna o texto mais sintético (Henrique, 2012, p. 19).

Por serem textos públicos, os artigos acadêmicos ganham um teor democrático quanto ao acesso e ao conhecimento. Vale ressaltar ainda que há uma incidência superior de citações



de artigos em relação às dissertações, tornando a veiculação desses trabalhos algo comum e reconhecido popularmente. Kayvan Kousha e Mike Thelwall (2019) já haviam escrito sobre isso num texto onde discutiram como o Google Scholar e o Mendeley poderiam influenciar o impacto acadêmico das dissertações.

Diante do exposto, as buscas por artigos relacionados às palavras-chave “masculinidade(s) e barbearia(s)” foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Scopus, periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Google Acadêmico, Scribd, Science Direct, Directory of Open Access Journals (DOAJ), ACADEMIA, Edubase, J-Gate, Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc), dentre outros acervos de universidades federais e *sites* onde estão indexados arquivos de acesso público.

Após verificar os títulos dos trabalhos e os recortes temáticos a partir dos quais eles foram escritos, tendo em mente a associação e presença dos marcadores principais, constatamos que apenas seis artigos se reportam ao tema em torno da masculinidade dentro das barbearias. Cada trabalho escrito a partir de seu próprio recorte, referencial teórico e metodologia, havendo poucos exemplos em que alguns desses aspectos se repetem. As publicações estão datadas em 2013, 2018, 2019, 2022 e 2023, e são esses os artigos que irei analisar à luz dos autores Pierre Bourdieu (2012) e Patrícia Hill Collins (2022).

Partindo da íntegra de cada texto até suas referências, verificou-se ocorrência de temas envolvendo raça, classe, divisão sexual do trabalho e hierarquias de gênero, pois ao ler Collins (2022) compreendemos que “[...] utilizar a interseccionalidade como heurística facilitou o processo de repensar o conhecimento existente – a saber, problemas sociais como violência, instituições sociais como trabalho e família e construções sociais importantes como identidade” (Collins, 2022, p. 53).

Para que não restassem dúvidas sobre a disponibilidade de trabalhos com temas relacionados, possivelmente ocultos pelas ferramentas de filtragem presente nas bases de dados, houve um terceiro momento de busca que objetivou encontrar textos que apontassem para um estudo demarcado pela diversidade dentro das barbearias.

Na tentativa de descobrir trabalhos que pudessem contribuir às análises e discussões aqui realizadas, e com a pretensão de descortinar os escritos científicos que estivessem sendo sobrepostos pelos marcadores principais, as bases de dados foram averiguadas através de outros marcadores.



Foram estes “barbearia(s); negro(s)” e “barbearia(s); gay; LGBT; queer; LGBTQIAPN+<sup>4</sup>”. Apesar das verificações, nenhum material correspondente ao tema da revisão e às palavras-chave foi encontrado. No quadro abaixo está exposta a descrição dos artigos que serão analisados no próximo tópico:

Quadro 1 – Relação dos artigos analisados

Título	Autores	Ano	Revista	Palavras-chave	Plataforma de pesquisa
Cultura material e representações de masculinidades: um estudo de caso em barbearias de Curitiba	Vinícius Miranda de Moraes e Marinês Ribeiro dos Santos	2013	Anais eletrônicos do evento	Relações de Gênero; cultura material; representações de masculinidades	Google
Não se nasce homem, torna-se homem: performatividades do masculino em uma barbearia	Tainan Pauli Tomazetti; Dieison Marconi e Alisson Machado	2018	<i>Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia</i>	Masculinidades; barbearia; performatividades; heteronormatividade; mídia	Google Acadêmico
Barba, cabelo e bigode: consumo e masculinidades em barbearias	Natália Contesini dos Santos e Severino Joaquim Nunes Pereira	2019	<i>Revista de Administração de Empresas</i>	Consumo; barbearias; masculinidades; identidade; gênero	SciELO
“Lugar de homem”: materialidade e masculinidades em espaços de barbearias	Natália Contesini Santos; Severino Nunes Pereira e Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa	2019	<i>Revista ADM. MADE</i>	Consumo; masculinidade; materialidade; barbearias	Google Acadêmico
“Barba, cabelo e bigode”: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande (MS)	João Pedro Nowak e Esmael Alves de Oliveira	2022	<i>ACENO - Revista de Antropologia do Centro-Oeste</i>	Masculinidades; homosociabilidade; barbearia; Mato Grosso do Sul.	Periódicos da Capes
Análise da comunicação da Barber Beer Sport Club: abordagem semiótica em diálogo com teorias de gênero e de interseccionalidade	José Lemos Monteiro Filho e Conrado Moreira Mendes	2025	<i>Intertexto</i>	Barbearia; semiótica discursiva; gênero; interseccionalidade; esportes	Google Acadêmico

Fonte: elaborado pelo autor.

A escolha pelo artigo de revisão levou em conta o que Nice Figueiredo (1990) diz a respeito da função histórica desse tipo de texto, dentre os quais podemos destacar sua eficiência quando se trata da:

[...] comparação de informação de fontes diferentes – já que os resultados de muitos trabalhos são agrupados para oferecer uma visão geral do estado corrente do desenvolvimento de um assunto, em um dado tempo. Fornece assim uma base conceitual, um processo unificador do conhecimento, do qual trabalhos individuais podem ser vistos em perspectiva (Figueiredo, 1990, p. 132-133).

4 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e muito mais.



Para auxiliar no processo de escolha, organização e análise dos textos, nos amparamos nas orientações de Laurence Bardin (2016) que propõe uma análise de conteúdo a partir das seguintes etapas: (1) pré-análise; (2) exploração do material; (3) tratamento dos resultados; e (4) interpretação. Para a autora a “análise de conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigar as causas (variáveis e inseridas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto)” (Bardin, 2016, p. 169).

### 3 Revisão bibliográfica e discussão

É importante comentar, ainda que brevemente, a trajetória dos estudos de gênero para que as exposições e discussões realizadas aqui não se apresentem de forma desvinculada ou distante do objetivo principal desta revisão: organizar e expor os trabalhos que discutem a masculinidade dentro das barbearias. Para isso, as fundamentações dos estudos de gênero são indispensáveis para se entender os pormenores dessa proposta.

Sabe-se que as noções em torno das distinções entre os sexos biológicos e expressão de gênero começaram a ser estudadas a partir da segunda década do século XX. Dentro da antropologia, as contribuições de Margaret Mead e Bronislaw Malinowski ajudaram a entender como a cultura influencia no comportamento dos indivíduos e delinea as condutas a partir do sexo biológico (Hearn; Messerschmidt, 2006; Segato, 1988). Na psicologia, através de John Money e Robert Stoller, iniciaram-se as noções de diferenciação entre sexo biológico e identidade, assim como a construção social, em específico familiar, do gênero (Lattanzio; Ribeiro, 2018).

O gênero tem sido uma questão amplamente estudada desde a década de 50, principalmente pelas mulheres que fundaram o movimento feminista. As abordagens e estudos sobre o tema vêm ganhando contornos mais espessos à medida em que as manifestações dentro dos campos políticos, culturais e sociais endossam sua teorização. Como afirma Júlio Cesar Meira (2014), a conceituação de gênero e sua subsequente problematização possibilitaram:

[...] a construção de um espaço de debates e de afirmação e consolidação dos direitos das mulheres, e representava, na verdade, não o início, mas um passo importante numa longa trajetória de luta e militância, principalmente pelo direito ao voto, o chamado sufrágio universal, no final do século XIX nos Estados Unidos da América (Meira, 2014, p. 2020).

Consonante a isso surgiram outros debates aliados às mudanças proporcionadas pelo feminismo e suas críticas às estruturas patriarcais, às relações de poder e ao androcentrismo, criando tensões entre a ordem estabelecida e as novas ideias, e pensando estratégias que levassem à mudança.

A questão dos homens e da masculinidade passou a ser, também, uma demanda imediata na



agenda feminista, conforme apresentam James Hearn e Kimmel Messerchmiedt no livro *Handbook of gender and women's studies* (2006). Com isso, os estudos referentes a esse tema começaram a se expandir, tendo como origem a base feminista de estudos e suas iniciativas em desvendar as relações de poder hétero e homosociais, assim como as construções políticas e culturais que determinam os modelos de masculinidade.

Desse modo, afirmamos: por mais que esta elaboração esteja concentrada, principalmente, em apenas um aspecto do gênero, sendo este a masculinidade, não pretendemos desconsiderar na íntegra as razões pelas quais o estudo dos homens e da masculinidade se tornaram relevantes e necessários por meios das inquietações feministas.

É pertinente considerar as possíveis aparições de discursos ou elementos que revelem intersecções que atravessem diretamente o objeto analisado, influenciando na forma como as masculinidades são produzidas, performadas e se encontram em níveis distintos da hierarquia social. Dito isso, seguimos para a revisão.

Apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 – Desafios Atuais dos Feminismos, realizado entre os dias 16 a 20 de setembro de 2013, o texto “Cultura material e representações de masculinidades: um estudo de caso em barbearias de Curitiba” de Vinícius Miranda de Moraes e Marinês Ribeiro dos Santos analisa como a masculinidade é materializada em algumas barbearias da cidade de Curitiba, Paraná. Os autores problematizam a arbitrariedade da esfera pública e privada como uma metáfora às dicotomias e prescrições entre feminino e masculino. Sua pesquisa visou entender também como as identidades de gênero são construídas nesse contexto.

Considerando Teresa de Lauretis (1994) para explorar a noção de tecnologias de gênero, e Daniel Miller (2013) para discutir a cultura material e sua função na constituição dos indivíduos, Moraes e Santos (2013) se amparam em Judith Butler (2012), Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013) para desmistificar os pressupostos obsoletos a respeito do sexo e do gênero. Ao articular seu aporte teórico, os autores contestam as postulações que costumam fixar a autenticidade arbitrária das identidades de gênero.

Esses argumentos essencialistas, há muito refutados, intentam em descontinuar as noções que definem tanto o sexo quanto o gênero como construções sociais mediadas pela cultura e pela história. É citada também a hierarquia e as relações de poder configuradas em torno do ideal hegemônico masculino e como essas condutas normativas tendem a oprimir as mulheres e as masculinidades circundantes, ou subalternas, por meio de uma dominação tão simbólica quanto os elementos que a constituem (Connell; Messerschmidt, 2013).



Ao trazer Guacira Lopes Louro (1999) para explicar o papel das instituições educacionais nesse processo de binarização do gênero através da pedagogia da sexualidade, Morais e Santos (2013) deixam escapar a oportunidade razoável de mencionar uma obra anterior ao livro de Louro (1999), sendo este um trabalho publicado no Brasil nesse mesmo ano e que, por sua vez, amplia as discussões sobre a divisão de gênero: o livro *A dominação masculina* de Pierre Bourdieu (2012).

Nessa obra, o autor exemplifica como funciona a ordem androcêntrica que se organiza através da fixação de dicotomias que ajustam os homens e suas adjacências num lugar superior e proeminente em diferentes instâncias da vida social. Uma construção cultural e histórica que determina a divisão do mundo em dois, atribuindo valores e funcionamentos distintos e desiguais quando ambas as partes são relacionadas.

Bourdieu (2012) expõe essa determinação quando apresenta a divisão do trabalho, a estrutura do espaço e tempo, e o poder inerente a tudo aquilo que é masculino. Nas suas palavras:

[...] a divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 2012, p. 17-18).

As explicações sobre essas determinações arbitrárias, por vezes ideológicas, são completamente associáveis às discussões a respeito das “esferas separadas” trazidas no artigo, onde se explica que os espaços privados e públicos são pensados e construídos a partir de marcadores de gênero. É nessa relação do sujeito/objeto que se verifica a existência de processos constituidores de identidade e objetificação.

No artigo de Morais e Santos (2013), a análise desse aspecto, bem como da categoria “masculinidade”, é realizada a partir “da leitura de imagens veiculadas no site da barbearia”. Foram selecionadas para essa análise imagens da marca da barbearia, do *hall* de entrada, da sala de espera e da bancada exposta ao público. Os autores buscaram relacionar esses elementos decorativos ou arquitetônicos, os ditos “artefatos”, com outros espaços e objetos que remetem a masculinidade e aos ambientes masculinos. Por fim, eles constaram que:

[...] a leitura das imagens possibilitou a identificação de expedientes de construção da diferença baseados na clivagem público/privado, como também evidenciou o caráter arbitrário desta separação. Embora a metáfora das esferas separadas seja constantemente atualizada por discursos e normas reguladoras, no intercurso social ela se mostraram um tanto quanto indeterminadas (Morais; Santos, 2013, p. 11).

Um estudo mais detalhado dessas elaborações pode ser acessado na dissertação “*COISA DE MACHO: representações de masculinidades em uma barbearia curitibana*” (2015), onde Vinícius



Miranda de Moraes dá continuidade às discussões que fez no artigo em questão, expandindo as suas definições sobre a composição estilística e material das barbearias em relação às construções de gênero vigentes.

Analisando as dimensões da cultura material a partir de outra perspectiva, Natália Contesini dos Santos e Severino Joaquim Nunes Pereira, ambos da área de administração, escreveram “*Barba, cabelo e bigode: consumo e masculinidades em barbearias*” (2019), um artigo que discorre sobre a cultura de consumo dentro de algumas barbearias de Rio de Janeiro e Volta Redonda.

Tendo como metodologia a etnografia, baseada na observação participante e realização de entrevistas a partir de McCracken (1988), os autores fizeram uma pesquisa de campo durante nove meses em estabelecimentos conhecidos como *barbershops*. Ou seja, “que combinavam o visual retrô das barbearias antigas com a oferta de serviços adicionais ao corte de cabelo e feitiço de barba, como opções de entretenimentos para o público masculino” (Santos; Pereira, 2019, p. 187).

Utilizando métodos como a fotografia, anotações de campo e entrevistas formais e informais, os pesquisadores reuniram dados que revelaram uma formulação das identidades masculinas através do consumo. Para organizar a sua proposta de estudo, eles conceituaram a identidade (Medeiros, 2008) e sua relação com as masculinidades e a cultura do consumo discutida por Arnould e Thompson (2005). Eles entendem a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016) que:

[...] os significados simbólicos e culturais sobre o que é ser masculino para os sujeitos de pesquisa emergem em um processo dialético entre os entrevistados, agentes de mercado e os espaços das barbearias, sendo utilizados ativamente para a construção, administração e negociação de suas masculinidades (Santos; Pereira, 2019 p. 188).

Essa masculinidade, significada e construída através da materialidade, está inserida num espaço onde as distinções entre o feminino e o masculino pautam os discursos sobre o que é ser homem. No texto é dito que as barbearias são reconhecidas como ambientes de relaxamento e bem estar, de homossociabilidade e construção de identidades masculinas.

No quadro onde estão expostas informações dos sujeitos entrevistados, cujas falas foram analisadas na íntegra, nos é mostrado algumas características desses homens. Dentre elas estão idade, raça, escolaridade e estado civil. Dos 12 indivíduos entrevistados formalmente, 7 se declaram brancos, e 5 negros ou pardos. Todos possuem curso de ensino superior. Ao apresentar o quadro que resume o perfil dos consumidores, Santos e Pereira (2019) denotam a heterogeneidade impressa nesse público, mas não contemplam no texto que essas particularidades podem indicar, ainda que sutilmente, a configuração de masculinidades distintas naquele espaço.

Sobre isso, Raewyn Connell (2005), no livro *Masculinidades*, chama a nossa atenção para



o caráter múltiplo e interseccional das expressões de gênero. Sua pesquisa visa reconhecer as masculinidades, no plural, nos permitindo entender como se elege um ideal de masculinidade conforme as relações de gênero existentes e, ao mesmo tempo, contestar a hegemonia que deslegitima outras configurações do masculino.

Ao fim do trabalho de Santos e Pereira (2019), é evidenciado como o consumo dentro das barbearias também é definido conforme as normativas dominantes que buscam se diferenciar do feminino. Ainda que tentem apontar para uma diversidade de identidades masculinas criadas e gerenciadas pelo consumo, os dados da pesquisa, assim como sua abordagem, expõem a prevalência de modelos hegemônicos (Connell; Messerchmiedt, 2013) estabelecidos pelos representantes masculinos desses espaços.

A ocorrência de indivíduos autodeclarados negros ou pardos dentro da pesquisa não se insere como um pretexto para discutir a cultura de consumo dos não brancos, e se estabelece, portanto, uma homogeneização nos modos de ser e experienciar essas dinâmicas socioculturais enquanto homem. As relações entre gênero e raça não são percebidas, nem contempladas no processo de análise.

Se considerarmos a explicação de Collins (2022) sobre crítica da interseccionalidade, veremos que a implementação de estratégias aditivas nessas abordagens pode auxiliar na compreensão do pensamento relacional dentro da interseccionalidade, e assim dar vazão a leituras e análises que sejam mais contemplativas e críticas.

A autora elucida que as categorias sociais e as discussões circundantes que também as constituem devem ser entendidas como elementos fixos, amalgamados nas relações sociais e cuja presença tende a denotar disparidades de entendimento, assim como manifestar questões ligadas às relações de poder que organizam o espaço onde essas categorias se cruzam. Em sua perspectiva:

Tentar adicionar duas ideias às relações interseccionais de poder traz à tona os desafios do engajamento dialógico em meio às diferenças de poder. Além disso, como as relações desiguais de poder não desaparecem simplesmente dos espaços interseccionais, mas podem se reorganizar dentro desses espaços, é necessário que haja vigilância intelectual, mesmo para o que pareça uma adição simples (Collins, 2022, p. 321-322).

O excedente de dados reunidos por Santos e Pereira (2019) na primeira pesquisa que realizaram sobre o tema foi utilizado na construção de um outro texto, dessa vez em parceria com o professor Luís Alexandre Grubits de Paula Pessôa. ‘

Publicado também em 2019, o artigo intitulado “*Lugar de homem: materialidade e masculinidades em espaços de barbearias*” traz elaborações muito parecidas com aquelas que foram apresentadas por Moraes e Santos (2013). A interpretação dos dados expostos nesse novo



trabalho também se desenvolve a partir da teoria dialética da cultura material (Miller, 2013). O diferencial desse texto para aquele escrito em 2018 é a inserção de imagens para análise e a discussão focada na materialidade física e simbólica da barbearia enquanto espaço de construção mútua dos sujeitos e objetos.

Seguindo um caminho parecido, mas que enfatiza a ética e a estética em torno da masculinidade, Tainan Pauli Tomazetti, Dieson Marconi e Alisson Machado, provenientes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS), escreveram o artigo “*Não se nasce homem, torna-se homem: performatividades do masculino em uma barbearia*”, publicado em 2018.

Referenciando a filósofa e feminista Simone de Beauvoir (2009) como ponto de partida para suas ponderações, os autores, por meio de uma escrita etnográfica, descrevem o espaço, os procedimentos estéticos, as interações e dinâmicas observadas numa barbearia da cidade de Porto Alegre. O seu percurso teórico principal conduz o leitor por um caminho que relaciona os postulados de Judith Butler (2012) e Carlos Figari (2013) a respeito do sexo e do gênero.

Os pesquisadores contestam as dicotomias que costumam essencializar os produtos resultantes de construções socioculturais que assentam prescrições heteronormativas quanto às formas de manifestar ou entender o gênero. É afirmado o seguinte:

O que se entende por masculino, em nossas sociedades ocidentais, é referente ao momento histórico que vivemos e, portanto, baliza-se pelos modos com os quais os sujeitos atuam em sociedade, pelos papéis sociais que desenvolvem, normas que seguem e corpos performam (Tomazetti; Marconi; Machado, 2018, p. 414).

Verifica-se que as condições socioculturais, políticas e econômicas de cada tempo determinam quais tendências serão assimiladas – ou assimilarão – o que se entende como expressão de gênero. Isso nos leva a refletir sobre como os homens desse século têm adotado práticas de cuidado e hábitos estéticos que em outra época podem ter sido interpretados como a subversão das fronteiras masculinas. Essas novas formas de manifestar o gênero e a incorporação irrestrita das novas práticas masculinas comprometem as regulações impostas pela masculinidade hegemônica e possibilitam o surgimento de modelos alternativos de existir enquanto homem.

Ao problematizar as influências da mídia na construção estética do que se conhece como *lumbersexual*, a partir de Paul Preciado (2014) e Bourdieu (2012), os autores definem como essas novas tendências que referenciam o dito “macho tradicional”, sujeito urbano que tenta espelhar “a virilidade dos trabalhadores rurais norte-americanos”, são permeadas por processos de dominação que elegem masculinidades hegemônicas que “desejam se cristalizar como naturais [...] e fazer-se reconhecer na maneira de ser particular como universal” (Tomazetti; Marconi; Machado, 2018, p. 414). Eles concluem que as barbearias trabalham em conjunto com os modelos midiáticos de



homem, perpetuando estéticas masculinas heteronormativas e funcionando como produtoras e reprodutoras de discursos uniformizantes.

No artigo “*Barba, cabelo e bigode: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande (MS)*” (2022), texto homônimo da dissertação da qual ele deriva, João Pedro Vilar Nowak de Lima, sob a orientação do Professor Esmael Alves de Oliveira, Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), realiza um estudo da masculinidade tendo como metodologia a etnografia-cartográfica.

Para explorar essa metodologia, o pesquisador segue as orientações de autores que discutem separadamente cada um desses procedimentos. Velho (1978) e Fonseca (1999) para etnografia, Passos, Kastrup e Escossia (2012) para a cartografia. O trabalho de Lima e Oliveira (2022) não apresenta características muito distintas dos outros textos, apesar do recorte se referir a uma barbearia de Campo Grande, algumas noções a respeito do gênero e da masculinidade são reiteradas dentro da exposição que se faz através da escrita etnográfica.

De forma mais contundente, a organização do texto permite ao leitor enxergar um panorama sobre as origens dos estudos da masculinidade, bem como uma sistematização que entrelaça o campo observado com as discussões sobre modelos hegemônicos, o distanciamento do feminino e construção de performances de gênero.

Por ser uma pequena parte do trabalho mais extenso que é a dissertação sobre o mesmo tema, o artigo contextualiza como o núcleo urbano e comercial em torno da barbearia, o desenvolvimento da cidade e o perfil dos barbeiros circunscreve uma “especificidade afetivo-regional” que contribui para a produção das masculinidades locais. Ao se atentar aos discursos do público e dos barbeiros, as performances, as sutilezas do comportamento, os não ditos e os emblemas em torno do espaço, Lima e Oliveira (2022) tangenciam como a relação de poder e a dominação masculina se inscrevem naquele ambiente.

Publicado em 2025 por José Lemos Monteiro Filho e Conrado Moreira Mendes, ambos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), o artigo “*Análise da comunicação da Barber Beer Sport Club: abordagem semiótica em diálogo com teorias de gênero e de interseccionalidade*” realiza uma interpretação do discurso impresso na peça gráfica disponível na página do Facebook da empresa.

Se utilizando de boa parte dos autores já citados aqui para discutir a hegemonia masculina, sexo, gênero e a arbitrariedade, Monteiro Filho e Mendes (2025) sustentam uma análise crítica baseada na metodologia proposta por Fernanda Carrera (2021) que traz à tona a roleta interseccional. Evocando autoras como Carla Akotirene (2018) e Patrícia Collins (2022) para discutir as nuances



do sujeito, os pesquisadores se encarregam de pontuar a “percepção das opressões e dos privilégios que transpassam diferentes grupos sociais”.

O artigo tem como objetivo entender quais são as dissidências invisibilizadas dentro da representação das figuras masculinas que dão sentido à expressão de gênero através do discurso inerente à imagem veiculada pela barbearia. Ao aplicar a análise do discurso conforme os pressupostos de José Luiz Fiorin (1998; 2002; 2006) e a semiótica de Agirdas Julien Greimas (2008), os pesquisadores buscam evidenciar como a escolha dos atletas representados na peça gráfica indicam a construção de um “imaginário de supermasculinidade”. Um modelo que é propagado pelo estabelecimento, um ideal que oprime e desconsidera as masculinidades marcadas por intersecções de raça, classe, geolocalização, sexualidade, idade, peso etc. A realização dessa análise garantiu que os “tensionamentos sobre gênero, raça e classe fossem acionados, enriquecendo a interpretação e ativando significados para além da estrutura interna do texto” (Monteiro Filho; Mendes, 2025, p. 16).

Em síntese, afirmamos que a constituição da masculinidade, suas performances e estereótipos, as relações de poder, dominação, hierarquia de gênero, as influências midiáticas, construções socioculturais, o consumo e a materialidade são questões e dinâmicas que se manifestam e são manifestadas dentro das barbearias. Todos desencadeados na medida em que a interação sujeito/sujeito ou sujeito/objeto se estabelece nesses espaços.

As barbearias, objetivamente destinadas aos procedimentos estéticos e a homossociabilidade, mostram-se como epicentros de processos que envolvem construção, agenciamento e negociação das formas de ser homem. A compilação desses estudos torna perceptível que cada um deles, a seu modo, elege a barbearia como o lugar onde as masculinidades estão em constantes tensões, permanências e (re)construções

Esse entendimento é consonante a aquilo que Hearn e Messerchmiedt (2006) já haviam discutido sobre a construção dos homens e das masculinidades. Os autores informam que a compreensão acerca das masculinidades, como elas são criadas, definidas e expressadas por indivíduos de um determinado lugar ou contexto, deve resultar da investigação das interrelações entre os sistemas e estruturas que produzem o sujeito homem. As influências mundiais e regionais na elaboração de masculinidades, conteúdo já discutido por Connell e Messerchmiedt (2013) no artigo sobre masculinidades hegemônicas e a função das instituições, sejam elas educacionais, sociais/culturais ou políticas.

Portanto, entendemos que a família, a religião, o mercado vigente, a mídia, a escola, o governo e os partidos políticos, todas essas organizações nas quais o homem existe, depende, adere



e se vincula, produzem nele uma ideia ou prescrição do que é o seu gênero e como ele deve se manifestar. Essas determinações socio-culturalmente construídas orientam:

[...] a organização e as práticas das masculinidades dentro de um contexto de relações de gênero, ou seja, como as interações com mulheres, crianças e outros homens expressam, desafiam e reproduzem as desigualdades de gênero; e o desempenho, a compreensão e a expressão de identidades de gênero de homens individuais (Hearn; Messerschmidt, 2006, p. 56, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Ao propor uma exposição mediada pelas contribuições teóricas de Bourdieu (2012) e Collins (2022), nós apostamos no princípio de que a masculinidade não é um ente fixo, uno e imutável. Teóricos de gênero já citados na íntegra e experiências etnográficas bem sucedidas certificam, a partir de diferentes contextos a abordagens, a ocorrência de uma multiplicidade de masculinidades construídas sob circunstâncias também diversas.

As prescrições sociais vigentes, a cultura, o trabalho e o sistema político-econômico são alguns dos elementos determinantes do papel masculino na sociedade. Elas definem aspectos que vão desde as instâncias de poder mais sutis até as manifestações performáticas do gênero – por sua vez, diversas e em constante transformação.

Características como a condição socioeconômica, idade, geolocalização, raça e sexualidade criam dinâmicas sociais distintas e, portanto, versões diversas de masculinidade (Men's [...], [2026?]). Isso nos lembra a necessidade de uma leitura crítica baseada na interseccionalidade e no reconhecimento de uma estrutura histórica de dominação do gênero.

Por fim, a importância deste artigo de revisão evidencia-se conforme os pressupostos de Nice Figueiredo (1990) que, em um de seus textos, elenca as funções históricas desse tipo de publicação. Destacamos aqui a “comparação de informação de fontes diferentes – já que os resultados de muitos trabalhos são agrupados para oferecer uma visão geral do estado corrente do desenvolvimento de um assunto, em um dado tempo” (Figueiredo, 1990, p. 132-133).

#### 4 Conclusão

A quantidade reduzida de artigos que buscam entender a ocorrência da masculinidade dentro das barbearias não corresponde ao período de desenvolvimento e mudança que tanto as barbearias quanto as masculinidades sofreram nos últimos 15 anos no Brasil (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos, 2017).

A carência de abordagens que enfatizam as particularidades dissidentes existentes nesses

5 [...] the organization and practices of masculinities within a context of gender relations, that is how interactions with women, children, and other men express, challenge, and reproduce gender inequalities; and individual men's performance, understanding, and expression of their gendered identities (Tradução Livre).



espaços de embelezamento masculino se materializa na indisponibilidade de textos que tratem apropriadamente as dimensões *queer* e/ou negra nesse cenário.

A não ocorrência de trabalhos que intencionam analisar a existência de uma diversidade comumente suprimida material e simbolicamente pelas estruturas dominantes de gênero nos leva a refletir sobre que tipo de atenção tem sido destinada, de fato, aos não héteros, não cisgêneros, não brancos, aos grupos subalternos.

Alguns questionamentos surgem perante a inexistência de propostas que contemplem esse outro: será que não existe nenhum salão ou barbearia especializado no atendimento da comunidade LGBTQIAPN+ ou que manifeste uma estética fundada na afro-brasilidade? Os dissidentes estão mesmo condenados a ser uma mera citação da diferença docilizada, entendidos apenas como o objeto que evidencia a existência da dominação e da hegemonia? É possível utilizar a categoria analítica postulada pela interseccionalidade nas pesquisas que privilegiam espaços tão homogêneos?

A resposta para essas questões está, sem dúvida, nas mãos dos pesquisadores na sua capacidade de lançar um olhar aguçado às representações, desigualdades, tensões e conflitos inerentes a construção das masculinidades. É importante ressaltar que a crítica e a exposição desses artigos buscando identificar determinadas abordagens e conceituações contributivas à luz dos autores mencionados não tem como objetivo desmerecer o caráter científico ou as motivações principais dos pesquisadores na escrita desses textos.

Entendemos que essas publicações se realizam a partir de recortes muito específicos, e nem sempre, como demonstraram alguns textos, a crítica interseccional ou a leitura indispensável sobre a dominação do gênero serão situadas adequadamente nessas produções. Esclarecemos que o objetivo dessa proposta de revisão é, na verdade, entender como esses textos exploram ou não determinados conceitos e teorias, deixando visíveis discussões exemplares ou lacunas que possibilitem a escritos futuros outras formas de dimensionar a realidade estudada.

Os estudos que enfatizam a função da materialidade e do consumo nas barbearias constataam que o processo de construção de identidades masculinas também se dá por meio da associação dos homens aos objetos dispostos no ambiente, a fixação de significados e o valor cultural e simbólico desses artefatos. Os autores e autoras entendem que através de um processo de negação e oposição ao feminino, as barbearias e seu público estabelecem as características e referências competentes aos homens, revelando, em paralelo, a predisposição a modelos estéticos, condutas e performances inteiramente normativas, mediadas pela mídia e pelos exemplares hegemônicos do meio (Morais; Santos, 2013; Santos; Severino; Pessôa, 2019; Santos; Pereira, 2019).

Similarmente, observa-se que as barbearias e seus suportes midiáticos funcionam como



tecnologias de gênero que agem de forma articulada na produção de modelos estéticos e éticos de ser homem, resultando numa reificação da masculinidade onde os sujeitos controlam e são controlados por essa materialidade definidora. Essa construção do homem ideal tem como referência principal os determinismos biológicos que indicam os aspectos do que seria naturalmente masculino a partir de uma arbitrariedade já contestada (Morais; Santos, 2013; Tomazetti; Marconi; Machado, 2018).

Concordamos que há uma interdependência entre o feminino e o masculino na criação e fixação das identidades de gênero (Morais; Santos, 2013). Arelado a essa compreensão, verifica-se também a existência de tensões e disputas quanto ao que é masculino (Lima; Oliveira, 2022), noções que indicam a ocorrência de múltiplas masculinidades surgidas do entrelaçamento entre os significados e conflitos que as permeiam.

Nota-se, por fim, que a existência de discursos normativos e homogeneizantes sobre o que significa ser homem manifestam-se ora de forma sutil (Monteiro Filho; Mendes, 2025), em exposições estereotipadas chanceladas pela mídia e pelos grupos hegemônicos, ora de maneira incisiva e explícita, evidenciando no plano simbólico e material sua eficácia (Tomazetti; Marconi; Machado, 2018).

Apesar desses trabalhos e autores apresentarem perspectivas pertinentes sobre a construção do homem a partir do consumo, da interação, dos objetos e do convívio na barbearia, consideramos a importância de dar a devida atenção à diversidade existente nesses espaços e como ela suscita experiências e perfis particulares que, por sua vez, criam, alteram e tensionam as dinâmicas e modelos preestabelecidos de masculinidade. Enfim, declaramos que as discussões apresentadas por cada um dos trabalhos expostos aqui não só introduzem adequadamente os interessados no campo de estudos da masculinidade, como também expõem a existência de um conjunto de camadas a serem interpretadas e reinterpretadas à luz de teorias mais recentes e abordagens que contemplem a diversidade.

---

## Referências

ARNOULD, Eric John; THOMPSON, Craig John. Consumer Culture Theory (CCT): Twenty years of research. *Journal of Consumer Research*. v. 31, n. 4, p. 868–88, mar. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/426626>. Acesso em: 05 de mai. 2026.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. Segmento resiste à retração do setor brasileiro de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos. *ABIHPEC*, São Paulo, 16 ago. 2016. Disponível em: <https://abihpec.org.br/2016/08/mercado-masculino-de-hppc-segueem-crescimento/>. Acesso em: 25 jul. 2025.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. Brasil é o quarto maior mercado de beleza e cuidados pessoais do mundo. *ABIHPEC*, São Paulo, 05 jul. 2020. Disponível em: <https://abihpec.org.br/brasil-e-o-quarto-maior-mercado-de-beleza-e-cuidados-pessoais-do-mundo/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. Mercado de cosméticos masculinos continua avançando e conquistando novos adeptos. *ABIHPEC*, São Paulo, 31 jan. 2018. Disponível em: <https://abihpec.org.br/mercado-de-cosmeticos-masculinos-continua-avancando-e-conquistando-novos-adeptos/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. Pelas barbas do profeta. *ABIHPEC*, São Paulo, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://abihpec.org.br/pelas-barbas-do-profeta/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE HIGIENE PESSOAL, PERFUMARIA E COSMÉTICOS. Mercado masculino avança 94% em 5 anos. *ABIHPEC*, São Paulo, 27 out. 2017. Disponível em: <https://abihpec.org.br/mercado-masculino-avanca-94-em-5-anos/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol. II: a experiência vivida. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1986.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. *E-Compós*, Brasília, v. 24, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.2198>. Acesso em: 31 out. 2024.

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

COLLINS, Patrícia Hill. *Bem mais que ideias: A interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Boitempo, 2022.

CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, jan/abr. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2025.



FIGUEIREDO, Nice. Da importância dos artigos de revisão da literatura. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 23, n. 1/4, p. 131-135, jan/dez. 1990. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/392/366>. Acesso em: 09 jul. 2025.

FIGARI, Carlos Eduardo. Semióticas queer: subversões simbólicas de experiências abjetas. *DeSignis*, v. 1, n. 19, p.47-57, jan/jul. 2012. Disponível em: <https://carlosfigari.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/figari-semic3b3ticas-queer.pdf>. Acesso em: 05 de maio 2026.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2002.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin e outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 10, p. 58-78, 1999. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781999000100005&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24781999000100005&script=sci_abstract). Acesso em: 05 de maio de 2025.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GREIMAS, Agirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HEARN, James; MESSERCHMIEDT, Kimmel. Changing studies on men and masculinities. In: DAVIS, Kathy; EVANS, Mary; LORBER, Judith (ed.). *Handbook of Gender and Women's Studies*. London: Sage, 2006. p 53-71. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781848608023.n4>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1751157718304991>. Acesso em: 19 jul. 2025.

HENRIQUE, Marta Aparecida Broietti. O artigo acadêmico: da função social à elaboração? *Revista Saber Acadêmico*, n. 13, p. 17-22, jun. 2011. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20180403114906.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403114906.pdf). Acesso em: 16 jul. 2025.

KOUSHA, Kayvan; THELWALL, Mike. Can Google Scholar and Mendeley help to assess the scholarly impacts of dissertations? *Journal of Informetrics*, v. 13, n. 2, p. 467-484, May. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.joi.2019.02.009>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1751157718304991>. Acesso em: 25 jul. 2025.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, p. 409-425, set./dez. 2018 DOI: <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A01>. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652018000300002](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000300002). Acesso em: 20 jul. 2025.



LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA, João Pedro Vilar Nowak de. 'Barba, cabelo e bigode': uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande – MS. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados 2022. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/524>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LIMA, João Pedro Vilar Nowak de; OLIVEIRA, Esmael Alves de. “Barba, cabelo e bigode”: uma cartografia sobre os sentidos de masculinidade em uma barbearia de Campo Grande (MS). *ACENO – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, v. 9, n. 21, p. 241–260, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/13591>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias Da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MCCRACKEN, Grant David. *The long interview California*. USA: Sage Publications, 1988.

MEIRA, Júlio Cesar. Estudos de Gênero e Historicidade: Sobre a construção cultural das diferenças. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 27, n. 2, p. 202-220, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29900/16391>. Acesso em: 9 jul. 2025.

MEDEIROS, João Luiz. *Identidades em movimento: Nação, cyberspaço, ambientalismo e religião no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MEN'S STUDIES. *Encyclopedia.com*, [s. l.], [2026?]. Disponível em: <https://www.encyclopedia.com/social-sciences/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/mens-studies>. Acesso em: 10 abr. 2025.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MONTEIRO FILHO, José Lemos; MENDES, Conrado Moreira. Análise da comunicação da Barber Beer Sport Club: abordagem semiótica em diálogo com teorias de gênero e de interseccionalidade. *Intexto*, Porto Alegre, n. 57, p. 1-20, e-144000, jun. 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/144000>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MORAIS, Vinícius Miranda de. *Coisa de macho: representações de masculinidades em uma barbearia curitibana*. 197 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/1188>. Acesso em: 22 jul. 2025.

MORAIS, Vinícius Miranda de; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Cultura Material e Representações de Masculinidades: um estudo de caso em barbearias de Curitiba. SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. *Anais Eletrônicos [...]*. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-13. Disponível em: <https://www.fg2013.wwc2017>.



eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373335261\_ARQUIVO\_LINIDADESUMESTUDODECASOEMBARBEARIASDECURITIBA.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

OLIVEIRA, Eliana *et al.* Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. *Revista diálogo educacional*, Belo Horizonte, v. 4, n. 9, p. 11-27, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/>. Acesso em 20 jul. 2025.

OURAHMOUNE, Nacima. Luxury retail environments and changing masculine sociocultural norms. *Journal of Applied Business Research (JABR)*, v. 32, n. 3, p. 695-706, May./June. 2016. Disponível em: <https://clutejournals.com/index.php/JABR/article/view/9650>. Acesso em: 19 jul. 2025.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2017.

PRICE, Richard. ACADEMIA.EDU. Califórnia: Academia, [2008?]. Disponível em: <https://www.academia.edu>. Acesso em: 23 jul. 2025. Acesso em: 10 jul. 2025.

PRECIADO, Paul. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: N-1 edições, 2014.

SANTOS, Natália Contesini; PEREIRA, Severino Joaquim Nunes. Barba, cabelo e bigode: Consumo e masculinidades em barbearias. *Revista de Administração de Empresas*, v. 59, p. 183-194, maio/jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020190304>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/fYKMhgwbnrLQ6rNyRmgq7MQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SANTOS, Natália Contesini. *Barba, cabelo, bigode e uma masculinidade: Consumo e Identidade em Espaços de Barbearias*. 105f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/4885>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SANTOS, Natália Conesini; PEREIRA, Severino Nunes; PESSÔA, Luís Alexandre Grubits de Paula. “Lugar de Homem”: Materialidade e Masculinidades em Espaços de Barbearias. *Revista ADM.MADE*, Rio de Janeiro, ano 19, v. 23, n. 2, p. 21-38, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/admmade/article/view/6098>. Acesso em: 20 jul. 2025.

SEBRAE. Serviços de beleza e estética. nov/dez. 2018. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/eec1545430e6e8b7b5e84b699b473e0d/\\$File/31690.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/eec1545430e6e8b7b5e84b699b473e0d/$File/31690.pdf). Acesso em: 25 jul. 2025.

SEGATO, Rita Laura. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Sociedade e Estado*, v. xii, n. 2, p. 235- 262, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/44155>. Acesso em: 18 jul. 2025.



TOMAZETTI, Tainan Pauli; MARCONI, Dieson; MACHADO, Álisson. Não se nasce homem, torna-se homem: performatividades do masculino em uma barbearia. *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*, n. 13, p. 403-419, abr. 2018. Disponível em: <https://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/cuestionesdegenero/article/view/4987/4182>. Acesso em: 10 jul. 2025.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

